

Os interesses dos patrões e dos empregados, examinados à luz das realidades do quadro em que vivemos

Discurso pronunciado pelo Dr. RUY GOMES DE ALMEIDA, ao inaugurar os trabalhos do Conselho Diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro, no corrente ano

“Mais do que nunca necessita o País de uma mensagem de fraternidade que, superando as forças negativas da incompreensão, congregue todos os brasileiros na tarefa comum de tornar a nossa Pátria mais rica e mais poderosa. Não basta uma mensagem convencional. Importa que ela traduza a real possibilidade de satisfação de todos os interesses e aspirações legítimas, ligados ao nosso desenvolvimento econômico e à melhoria do padrão de vida do povo. É necessário que essa mensagem traga a fórmula que possibilite harmonizar os interesses dos patrões e dos empregados.

Neste limiar da era atômica começa-se a sentir, universalmente, a necessidade da reformulação dos problemas sociais e humanos. As pesquisas científicas levaram o poder material do homem a limites jamais sonhados e possibilitaram às massas, em determinadas regiões do globo, atingirem padrões de vida, que não usufruíam classes mais bastadas, séculos atrás.

Os velhos chavões marxistas, incitadores de luta entre patrões e empregados, perdem cada vez mais o seu sentido. Nos países que pretendem ter concretizado a ideologia socialista, estabeleceu-se, com punhos de ferro e sob possante aparato policial de opressão — a predominância total das indústrias de guerra sobre as atividades de consumo, isto é, as relacionadas com vestuário e alimentação do povo. Os objetivos de poder e de força sobrelevam com tal veemência, as necessidades de consumo das mas-

sas, que estas são submetidas a privações pelos técnicos e planejadores dos Estados soviéticos, a fim de que a potencialidade militar cresça ao máximo possível dentro dos recursos disponíveis. Por outro lado, vemos nos países capitalistas, sobretudo nos Estados Unidos, que constituem o principal modelo, o atendimento contínuo às reivindicações permanentes das massas por maior quantidade de bens de consumo e por mais conforto.

Um observador marxista dos fins do século XIX, que fôsse colocado subitamente diante da realidade de hoje, ficaria surpreso e atônito, diante das políticas seguidas pelos países chamados capitalistas e pelos países soviéticos no tocante aos bens de consumo e ao conforto das massas.

A dialética social desencadeada, na era atômica, traz para as relações entre patrões e empregados um sentido inteiramente diverso daquele sonhado pelos denominados socialistas científicos.

Por outro lado, novas forças da técnica moderna, das quais a maior expressão prática para a consecução de trabalho é, sem dúvida, o automatismo, que permite a direção das mais complexas tarefas por cérebros eletrônicos, vêm trazer problemas inteiramente novos para os economistas e sociólogos, e, por que não dizer, para os que se encarregam da orientação espiritual, moral e religiosa da humanidade.

A renovação técnica, econômica e social que vem sendo desenvolvida pelo automatismo é uma realida-

de bastante concreta, pois a indústria norte-americana que constrói esses novos mecanismos, guiados por cérebros mecânicos e eletrônicos, já alcança uma produção anual que orça por volta de dois bilhões de dólares.

Dentro desse imenso e complexo quadro internacional de hoje, como situar o problema social brasileiro, como promover a fraternidade entre patrões e empregados? Devemos continuar mantendo as fórmulas intervencionistas até agora adotadas ou é chegado o momento de enveredarmos por novos caminhos?

A nossa situação de país subdesenvolvido não oferece condições que nos permitam proporcionar a todos os brasileiros um padrão de vida digno e decente. Temos à frente enormes dificuldades, como as profundas divergências de nível de vida nas diversas regiões do país e o atraso em que ainda se encontra a maior parte da extensão geográfica do Brasil.

Por outro lado, entretanto, poderemos contar com os recursos mais aperfeiçoados da técnica moderna que permitirão acelerar o crescimento econômico e social do país. É fora de dúvida que o esclarecimento dos patrões e dos operários só poderá levá-los a uma união crescente de esforços, no sentido de se alcançar o desenvolvimento econômico, indispensável a proporcionar a todos os brasileiros um padrão de vida digno.

É necessário que ambas as partes dêem o máximo de suas energias para esse grandioso objetivo, a fim de que o Brasil, apesar de possuir tão poderosos recursos naturais não continue, inexplicavelmente, como nação de terceira classe no conceito universal.

No tocante aos patrões, parece-me que a principal recomendação a fazer é mais audácia nos empreendimentos, mais iniciativa e mais austeridade nos lucros, aliada a uma compreensão ampla das necessidades do empregado, sempre que possível, dar-lhe melhor remuneração, que o incentive a se aperfeiçoar e a produzir mais. Como homens de empresa, bem sabemos por experiência própria os grandes riscos a

que estão sujeitos os empreendimentos audaciosos, destinados a dinamizarem o país. São empreendimentos às vezes tanto mais úteis, quanto mais perigosos e menos rendáveis. A austeridade que se impõe, portanto, é muito diferente daquela austeridade convencional e passiva que nada faz, nada constrói, e que se compraz em votar ódio àqueles que se movimentam e produzem. Essa falsa austeridade traria prejuízos tão nefastos ao país quanto a corrupção. A austeridade que pregamos, portanto, é uma austeridade realizadora e empreendedora, que incentive a união entre patrões e empregados, e promova a grandeza do Brasil.

No que se refere aos operários, impõe-se maior compreensão do seu papel histórico na atual fase da vida brasileira; é preciso pôr cõbro a essa onda de só se invocarem direitos, descuidando e omitindo mesmo que, para observância e manutenção desses, dentro de um clima de compreensão, necessário se faz desincumbir-se bem dos deveres que aqueles criam. Isso de direitos sem deveres é demagogia que o nosso mecanismo econômico já não comporta, nem suporta, sem risco do seu funcionamento. Transformam-se em fatos idéias da legislação trabalhista, que ainda continuam como idéias apenas; faça-se que os órgãos assistenciais se coloquem dentro dos objetivos para que foram criados, e muita coisa se terá feito. Capital e trabalho precisam dar-se às mãos para o bem do país, e de forma a estabelecer aquele clima, no qual o Brasil possa alcançar o lugar que lhe desejamos no concerto geral das Nações.

É preciso maior soma de trabalho, de um lado, e mais generosidade e compreensão, do outro. Sem isso, dificilmente poderemos estar à altura do momento que vivemos e do qual temos que nos aproveitar com sabedoria, se quisermos realizar a tarefa que nos conciliará com os que nos antecederam e nos acreditará junto aos que nos vão suceder.

Uma das idéias que deve constituir um traço de união entre patrões e empregados e que concor-

rerá por certo para solucionar muitas das presentes dificuldades é a da produtividade. Países de legislação trabalhista muito inferior a nossa, mas de produtividade "per capita" maior, dispõem de um operariado de nível de vida mais elevado. Parece-me que o sistema paternalista estatal até agora adotado, no tocante às relações entre empregador e empregado, cria condições muito rígidas que, muitas vezes, impedem a patrões e operários entenderem-se diretamente no sentido da formulação de normas de trabalho mais conveniente ao aumento da produtividade, que só poderá beneficiar trabalhadores e consumidores.

Por outro lado, esse sistema intervencionista propicia, permanentemente, a introdução de fatores meramente políticos e eleitorais, nas relações entre o capital e o trabalho.

Já é tempo que patrões e operários se falem diretamente, sem esses intermediários. Os patrões e operários têm pela força do seu capital, do seu braço e da sua inteligência de construir uma grande nação, da qual se orgulharão os seus filhos.

É necessário que cessem os temores que, às vezes, existem tanto do lado do patrão como do operário. Releva que demonstremos um amplo espírito de compreensão pelas necessidades do trabalhador, procurando, na medida das possibilidades, melhorar sua remuneração de modo a mantê-lo incentivado para procurar obter uma produtividade crescente.

Agora mais do que nunca é importante que operários e patrões formem uma frente única, tendo em vista maior produtividade de trabalho, mais audácia nos empreendimentos, mais austeridade nos lucros".

Pedidos de Livros

Escreva o título da obra e o nome de seu autor — Quantos volumes deseja e o seu nome e endereço — Os pedidos via rádio devem ser feitos pelos companheiros que servirem em guarnições longínquas — "A Defesa Nacional" adquire e remete pelo sistema reembolsável qualquer livro das livrarias desta Capital